

Multiagrícola

INCOMPETÊNCIA I

Trigo, cevada e algodão são os produtos "desprotegidos" pela política agrícola do governo. Para o economista Luiz Antonio Fayet, consultor da Federação da Agricultura do Paraná (Faep), "estes produtos estão sofrendo a competição predatória internacional, que está liquidando com centenas de milhares de empregos no Brasil e provocando, mais uma vez, a migração da população do campo".

INCOMPETÊNCIA II

Ainda segundo Fayet, enquanto os Estados Unidos e os países europeus estão ampliando subsídios e manobras de dumping, "o setor rural brasileiro está sendo desmantelado e as autoridades federais nada fazem".

ESPERA

Enquanto o Congresso Nacional se vê envolvido em CPIs sucessivas - primeiro a do PC e agora, a da corrupção - está em compasso de espera o projeto de comercialização à distância. Desde que o projeto foi levado para apreciação, já rolaram cabeças de três ministros da Agricultura...

NO LIXO

A Federação Paranaense dos Criadores (Fepac) faz uma séria denúncia: têm pecuarista jogando fora as vacinas contra febre aftosa. Por preguiça ou para não pagar quem vacine o rebanho, eles simplesmente jogam no lixo as doses compradas. E, como para comprovar a vacinação o criador só precisa apresentar a nota de compra do produto...

ADVERSÁRIO

O ministro José Eduardo Vieira, às vésperas de deixar o cargo, ainda se defende dos ataques contra a posição assu-

mida quando estava interinamente à frente do Ministério da Agricultura, de incluir as propriedades com focos de febre aftosa para fins de reforma agrária. "Tive o apoio de gente séria que vacina o rebanho. De Ronaldo Caiado eu quero realmente ser adversário", declarou recentemente o ministro. Pelo jeito, ele acredita que Caiado foi o único que reclamou!

ATÉ ELES!

O diretor de eventos da Fepac, Athaide Rodrigues de Miranda, que desde 1988 é convidado para julgar animais em exposições realizadas em todo o Brasil, disse que também no reino animal existe duplicidade sexual. "As vezes, aparece na pista uma fêmea com cara de touro ou um macho com características femininas e órgãos sexuais atrofiados. Não é comum e podem passar despercebidos, mas acontece", diz Athaide.

REPASSE

Muitos países estão querendo aprender com o Paraná como tratar de estradas rurais. Diariamente, a Secretaria da Agricultura e a Emater recebem estagiários estrangeiros que buscam conhecimentos desenvolvidos por técnicos paranaenses. Recentemente, desembarcaram em Curitiba, representantes do Ministério da Agricultura da Costa Rica para aprender sobre "Adequação de Estradas Rurais".

NOVIDADE

Uma nova sistemática em previsão de safras, introduzida pela Secretaria da Agricultura pode revelar surpresas nas estimativas feitas para a safra 93/94. Já se sabe que as culturas de trigo e café terão mudanças nos números.

INVASÃO

Atraídos pelos benefícios do financiamento do programa Panela Cheia para compra e reforma de barcos, pescadores artesanais de Santa Catarina querem se mudar para o Paraná.

Boca no Berrante*

Criador de Charolês protesta contra jurado francês

Marise Heleine

A presença de jurados estrangeiros nas exposições de animais realizadas no Brasil começa a causar reclamações. O criador de gado charolês Alberto Claudemir Reis, da Cabanha Riacho Fundo, de Palmas, sudoeste do estado, deixou a última Exposição criticando o sistema e propondo mudanças para as próximas feiras.

Reis, que teve um animal premiado na Expolinter, realizada em Estelo (RS), não conseguiu a mesma sorte na Exposul. "Estrela", que em terras gaúchas foi festejada como campeã em sua categoria, aqui ficou fora da premiação. Reis diz que o jurado francês Thierry Cypres, que atuou na Exposul, usou critérios para animais franceses. No Brasil, segundo Reis, o Charolês é diferente, a começar pela forma como é criado (na França são confinados durante o inverno, o que dá uma estrutura diversa ao animal, como pernas mais curtas). Além disso, ressalta, o Charolês brasileiro já recebeu sangue do Charolês importado da Inglaterra, Canadá e Argentina.

"A gente leva em consideração que os animais da raça

Charolês premiados em Estelo, a exposição mais concorrida do país, com a participação dos principais criadores brasileiros, devem ser de alto valor genético", diz Reis. "Mas a gente vem à Exposul e vê aquele animal, premiado numa disputa acirrada, perder o campeonato. Isto desestimula porque o trabalho que vimos fazendo há tempos, de desenvolvimento da raça aqui no Paraná, não tem o respaldo que gostaríamos por parte dos jurados", desabafa o criador.

Ele diz que não consegue entender quais o critérios que o juiz usou, já que o jurado em Estelo também era francês e da mesma região de Cypres.

Reis garante que fatos como esse acabam fazendo com que muitos pecuaristas desistam de inscrever seus animais porque "fica difícil saber qual é o caminho certo". O dono da Cabanha Riacho Fundo diz que encontrou a solidariedade da maioria dos criadores presentes na hora do julgamento: "Em conversas paralelas com eles, constatei que minha opinião estava certa. Eles acharam que o jurado errou na decisão e que o meu animal tinha qualidades superiores às do que ganhou", afirma. Segundo Alberto Reis, muitos chegaram a comentar que não participariam mais de exposições na Exposul, não só pelas falhas dos jurados, mas da própria associação dos criadores, que não estava presente na hora do julgamento, onde ocorreram falhas técnicas que envolvem a própria organização do julgamento.

FORA DA PISTA

Por não poder fazer um protesto oficial, já que a palavra do jurado é soberana, Reis resolveu tirar os seus outros animais da pista, o que causou polêmica. Mas ele pergunta: "Por que deixar meus animais em julgamento, se eu es-

tava sendo prejudicado?"

Alberto Reis diz que não há necessidade de vir gente do exterior para julgar no Brasil: "Temos técnicos e criadores da raça que têm um profundo conhecimento e julgam muito bem. Seria interessante uma troca de informações, de idéias, entre nós e os franceses, ingleses ou canadenses que vivem para cá", afirma. Segundo ele, seria muito mais proveitoso se os estrangeiros não viessem como jurados, mas para dar palestras, orientações, contar qual a tecnologia que usam para a criação do Charolês. "Isto sim, nos traria benefícios, não só para o melhoramento genético, como de manejo e de outros detalhes que envolvem a criação", acredita Reis.

DEFESA

Thierry Cypres, o jurado criticado por Alberto Reis, é presidente da Associação Nacional dos Jovens Criadores de Charolês da França. Esta foi a primeira vez que ele veio ao Brasil e confessa que não conhecia pessoalmente a criação brasileira, mas diz que lembrou muito sobre o assunto antes de vir para cá. Ele concorda que os animais são diferentes: "O gado brasileiro tem o dorso mais longo, assim como as pernas e seus deslocamentos são fortes e seguros. Fiz um balanço dos critérios, mas sem perder de vista as características da raça charolêsa e baseado nisso fiz o julgamento", declara.

Para exemplificar, ele conta que o Reservado de Grande Campeão não se parece em nada com um Charolês francês, mas "é um animal excelente e levou o prêmio". Cypres diz que julgou de acordo com a própria consciência e, ao saber do protesto, se colocou à disposição para discutir o assunto com quem não entendeu: "Isto é enriquecedor", opina.

*Este espaço é livre para reclamação dos leitores

Conservação de solos e diversificação mudam o comportamento do produtor rural

Vânia Cassado

A produtividade média do milho no Paraná saltou de 2.500 quilos por hectare, em 1985, para 3.270 quilos por hectare na última safra, uma evolução de 30,8%. A elevação na produtividade também está ocorrendo com a soja, passando de uma média de 2.100 quilos por hectare em '85, para 2.400 quilos por hectare nesta safra, um acréscimo de 14,2%.

Para o secretário da Agricultura, Osmar Dias, esses dados indicam uma resposta positiva da produção aos investimentos feitos, graças à prioridade dada à agricultura. Ele atribuiu esses resultados à implementação de programas de estímulo à elevação da produtividade de grãos, como o Paraná Rural, e mais recentemente à implantação do Panela Cheia, que está beneficiando pequenos produtores com financiamento, baseado no sistema de equivalência-produto.

A preocupação em desenvolver programas de apoio à produção agrícola e animal, lembrou o secretário, veio da necessidade de achar caminhos próprios para driblar os reflexos negativos da falta de apoio do Governo Federal ao setor agrícola.

Apesar disso, o cenário agrícola do Paraná está mudando com benefícios diretos ao produtor rural, nos últimos seis anos. Em algumas regiões, como o Norte e Oeste, já se pratica a agricultura de primeiro mundo, afirmou. Segundo Dias, a alteração do perfil agrícola do Estado deve ser creditada ao programa Paraná Rural, para o qual negociou pessoalmente o financiamento do Banco Mundial no valor de US\$ 149 milhões, sendo US\$ 63 milhões diretamente do banco e o restante, contrapartida do Tesouro do Estado.

Junto com o Paraná Rural, que já beneficiou 185 mil produtores rurais, abrangendo uma área de 5,7 milhões de hectares, com 2.018 microbacias, outros programas como o de manejo e conservação de solos e água - PMISA - e o de irrigação - PROID - foram executados dentro de uma filosofia de promover o desenvolvimento econômico aliado à conservação do Meio Ambiente. Na prática, esses programas fizeram com que o agricultor visse a necessidade que deve ter ao trabalhar o solo mas, ao mesmo tempo, mantê-lo produtivo ao longo dos anos para uso de sua família.

Aos poucos, observou o secretário, muitos hábitos que provocaram degradação, erosão e desmatamento foram abandonados. Segundo ele, o antigo costume de queimar palhadas para o plantio, principalmente em áreas de agricultura intensiva, foi substituí-

do por práticas simples, mas que não eram executadas pela maioria dos produtores, como adubação orgânica, adubação verde, calcareamento, plantio de nível ou escarificação para quebrar a camada adensada do solo.

A receptividade a essas técnicas e a confiança nos resultados positivos foram os argumentos utilizados por Osmar Dias para que a Secretaria da Agricultura tivesse uma participação maior no orçamento geral do Estado, passando de 2% para 6% nos últimos anos.

FISCALIZAÇÃO

O gerenciamento desses recursos, no entanto, é outro fator apontado para o sucesso do programa. Osmar Dias cita como exemplo a formação de comissões de solos, municipais e estadual, tendo como participantes representantes das comunidades, prefeituras e um técnico da Emater como secretário executivo. Essas comissões estabelecem as prioridades do município e definem as necessidades das técnicas e em que locais devem ser aplicadas. Em nível estadual, a comissão planeja as ações que serão desenvolvidas no próximo ano, ou seja, quais microbacias serão trabalhadas.

Esse sistema, afirmou o secretário, dá a tranquilidade de que os recursos estão sendo bem aplicados e fiscalizados pela comunidade.

Outra ação marcante do Paraná Rural no interior é a adequação de estradas rurais. Em seis anos houve uma mudança radical no conceito de manutenção de estradas. Foi desenvolvido de forma pioneira no Paraná uma técnica para torná-las transitáveis o ano inteiro, com chuva ou sol, sem causar problemas de locomoção aos produtores e mesmo quanto à retirada de produtos da lavoura. Através dela, as estradas passam a ser integradas às propriedades, evitando o escoamento da água da chuva, que carrega a camada fértil do solo e provoca erosão. Dessa forma, a água que cai na estrada deriva para as lavouras, aumentando a infiltração no solo. Assim, o custo de manutenção de uma estrada baixou 80%.

A demanda por readequação de estradas rurais tem sido tão alta que a alternativa encontrada para atender aos pedidos foi introduzir o sistema de parceria com as prefeituras interessadas. Isso porque, inicialmente, o trabalho deveria ser feito apenas por um município para difundir a tecnologia. Ocorre que a solicitação das prefeituras surpreendeu e o Paraná Rural já promoveu a readequação de 43 mil quilômetros de estradas rurais dos 140 mil existentes no es-

tado. Finalmente, houve a construção efetiva dos terminais ferroviários de embarque e desembarque de calcário nos municípios de Araucária, União da Vitória, Guarapuava e Cianorte. Se antes o uso do calcário no Paraná era restrito às épocas de retorno da safra - quando os caminhões desembarcavam a soja em Paranaguá, voltavam com o calcário - a instalação dos terminais quebrou este ciclo. A concentração da demanda onerava os custos ao produtor. Com os terminais, o calcário - necessário em 60% da área agrícola como corretivo do solo ou como nutriente - está disponível nas zonas de produção durante os 12 meses do ano, eliminando os picos da safra que provocam alta de preço no mercado.

DIVERSIFICAÇÃO

Paralelamente ao Paraná Rural, responsável por uma alteração no comportamento do produtor paranaense, de que é preciso preservar o solo para aumentar o rendimento das lavouras, a Secretaria da Agricultura se preocupa em levar ao campo conhecimentos e técnicas de mercado, que in-

terno de 20 mil hectares de pomares. Para o secretário, o grande desafio foi mostrar às autoridades que o Paraná tinha conhecimento tecnológico, desenvolvido pelo Iapar, para conviver com o cancro cítrico. Respeitando as características regionais, observou Dias, as alternativas estimuladas pela secretaria para a diversificação nas propriedades são grandes, desde o cultivo de grãos até a criação de peixes, camarão e abelha. E a vantagem do Paraná para isso, apontou, é usufruir de dois climas diferenciados: um tropical, acima do paralelo 24, e outro, temperado, ao sul.

PECUÁRIA

Também na pecuária, a Secretaria da Agricultura vem apostando na diversificação com a importação de 21 mil matrizes de gado leiteiro e 200 mil ovelhas até o fim de 1994. A partir deste ano, o estado passa a ter uma Central de Transferência de Embriões, em Castro. Isso significa que o governo do estado estará colocando ao pecuarista um conhecimento tecnológico de primeiro mundo.

Osmar Dias ressaltou que os programas como o de

contrário, observou o secretário, a estrutura de estado teria de ser enorme para atender o crescimento da demanda.

CRÉDITO RURAL

Para preencher o vácuo criado com a ausência do Governo Federal nos mecanismos de crédito rural, o governo do Paraná criou o programa Panela Cheia para financiar investimentos na propriedade para o pequeno produtor - em equivalência-produto. Ocorre que a carência neste setor, nos últimos anos, é enorme e o Banestado, que financia os projetos, se viu surpreendido com o acúmulo de pedidos.

Desde que iniciou, em 1991, o programa financiou 20 mil produtores, investindo US\$ 71 milhões. A meta é dobrar o número de produtores atendidos e os investimentos podem chegar a US\$ 100 milhões, dependendo das disponibilidades do banco. O maior atrativo desse programa é o financiamento em equivalência-produto, tendo como moeda principal o preço do milho no mercado, produto comum em quase todas as propriedades do estado.

A vantagem, justificou o secretário, é que o produtor, ao tomar o empréstimo para custear ou investimentos, sabe exatamente



Secretário Osmar Dias, da Agricultura.

quanto vai pagar e não fica atrelado ao pagamento da correção monetária e às abusivas taxas financeiras do mercado.

Já o Bom Mercado Rural representa a iniciativa de financiar a implantação de agroindústrias nas zonas de produção. O objetivo é aumentar o valor da produção e gerar mais empregos no interior. Já foram aplicados cerca de US\$ 30 milhões, financiando 140 novas indústrias e a ampliação de outras 50, o que resultou na geração de oito mil novos empregos em pouco menos de um ano de execução.

insensação artificial e o de transferência de embriões passam pela necessidade de se transmitir ao criador técnicas de manejo que implicam na melhoria das pastagens, do rebanho e das condições sanitárias dos animais. O produtor passa a adotar práticas de silagem, de fenação e suplemento alimentar de inverno, com ganhos de produtividade.

Esses programas também estão resultando na modificação da postura dos produtores em relação à criação de animais. A exploração da parceria com as prefeituras foi a fórmula encontrada para a execução dos programas, dentro das metas estabelecidas de não "inflar" a máquina administrativa, ou seja, sem a contratação de pessoal. A Secretaria da Agricultura tem incentivado essa co-participação e criado a possibilidade de as ações serem feitas gerando a contratação de técnicos pela iniciativa privada e prefeituras - Do

social(BNDES) para financiar

quanto vai pagar e não fica atrelado ao pagamento da correção monetária e às abusivas taxas financeiras do mercado. Já o Bom Mercado Rural representa a iniciativa de financiar a implantação de agroindústrias nas zonas de produção. O objetivo é aumentar o valor da produção e gerar mais empregos no interior. Já foram aplicados cerca de US\$ 30 milhões, financiando 140 novas indústrias e a ampliação de outras 50, o que resultou na geração de oito mil novos empregos em pouco menos de um ano de execução. O prazo para pagamento dos empréstimos é de cinco anos, que as prestações são corrigidas pela TR ou o equivalente-milho, o que for menor. O limite máximo a ser financiado por empresa, em agosto, é de CR\$ 5,3 mil, 80% dos quais financiados pelo Banestado e o restante, com recursos próprios.

Plantio Direto, avanço para os pequenos produtores



Paraná. Desenvolvida pelo Iapar (Instituto Agronômico do Paraná), a máquina dispensa arar e gradear o solo e o plantio é feito em cima da resteva, ou palhada, da cultura anterior. Construída por uma empresa de Comêlio Procopio, com apoio do Banco Mundial e da FAO, utiliza trator animal, a máquina custa atualmente US\$ 400, mas quando for construída em escala comercial, terá certamente uma redução de preço.

Húmus de Minhoca

Estância do MORRO ALTO (041) 234-0449

Jesus é o nosso Pastor

- Ministramos Cursos
- Embalagens Especiais